

MEU PALÁCIO DE MÁRMORE

(Três atos de Erico Cramer)

Roberto

"Carôlo"

CONTROLE - CARACTERÍSTICA FORTE E CAI EM B/G.

LOCUTOR - A Rádio Farrroupilha apresenta hoje o original em três atos de Erico Cramer...

CONTROLE - VOLTA A CARACTERÍSTICA E CAI NOVAMENTE EM B/G.

LOCUTOR - MEU PALÁCIO DE MÁRMORE!...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA E VAI BAIXANDO ATÉ DESAPARECER.

Leiloeiro - Façam lance, senhores! Será vendido, pela melhor oferta, este bellissimo palácio de mármore, que foi mandado construir para servir de residência ao extinto industrial Ewandro de Souza Pimentel, que nêle residiu com sua família cinco ou seis anos apenas! Qual a maior oferta, senhores? Façam lance.

1ª VOZ - (afastada) Um milhão e duzentos mil cruzeiros!

Leiloeiro - Atenção, senhores! Tenho um milhão e duzentos mil cruzeiros para começar. Um milhão e duzentos mil cruzeiros pelo riquíssimo palácio de mármore. Um milhão e duzentos mil cruzeiros. Quem dá mais?

2ª VOZ - (afastada) Um milhão e trezentos mil.

Leiloeiro - Um milhão e trezentos mil cruzeiros pelo luxuoso e imponente palácio de mármore. Um milhão e trezentos mil cruzeiros, senhores. Aten-tem bem em que só as portas de bronze ^{*cinzelado, atualmente custariam*} ~~levarão custariam~~ ISSO. ~~ISSO.~~ Vamos, senhores, façam lance. Estamos autorizados a vender, pela melhor oferta, esta principesca residência. Um milhão e trezentos mil cruzeiros. Quem dá mais?

1ª VOZ - Um milhão e quatrocentos.

Leiloeiro - Um milhão e quatrocentos. Vejam, senhores, isso é um preço irrisório. É quasi o preço de um apartamento de arrabalde. Um milhão e quatrocentos mil cruzeiros pelo bellissimo palácio de mármore. O senhor aí.

2ª VOZ - Um milhão e quinhentos.

Leiloeiro - Um milhão e quinhentos, senhores. Tenho um milhão e quinhentos... Um milhão e seiscentos. Tenho um milhão e seiscentos pelo bellissimo palácio de mármore. *Um milhão e seiscentos! Um milhão e seiscentos...*

2ª VOZ - Um milhão e ~~sete~~ **sete**centos. (Tom) Não me empurre, por favor.

Leiloeiro - (passa a segundo plano, apregoando sempre o palácio e subindo, ad libitum, as ofertas).

Anete - (40 anos) Desculpe, senhor. Não foi por mal.

2ª Voz - O que é que a senhora quer aqui? (ironia) Vai comprar o palácio, por acaso? (ri com descasp) Não deviam deixar entrar indigentes num leilão fino; não lhe parece?

1ª Voz - Está claro. Só o que podem fazer é atrapalhar.

2ª Voz - Quando não veem para se aproveitar do aperto e baterem as nossas carteiras, como boas ladras.

Anete - (meia voz) Ladra eu!... (voz embargada pelo pranto) Que humilhação, meu Deus! Que terrível humilhação!... Tomarem-me por ladra! (chorando) Eu... eu vou embora. Eu não posso mais ficar aqui!... *Não posso!...*

C/REGRA - PASSOS APRESSADOS, SEMPRE AFASTANDO-SE DO MICROFONE, EMQUANTO A VOZ DO LEILOEIRO VOLTA, POR MOMENTOS, A PRIMEIRO PLANO.

Leiloeiro - (aproximando-se) Não percam esta maravilhosa oportunidade, senhores. (a voz vai se afastando, cada vez mais, até se perder pelo fundo) Um palácio de mármore, com vidros de cristal francez e portas de bronze, não se constrói, nos dias que correm, por menos de vinte ou trinta milhões de cruzeiros. É a oportunidade, senhores. A grande oportunidade.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA.

Anete - Não me perguntem por que estou chorando. Eu não teria coragem de lhes dizer a razão das minhas lágrimas. Pensam que é ainda por me terem tomado por ladra? Não, não é por isso, acreditem. O motivo é mais sério e muito mais doloroso. Eu não queria falar sobre este assunto, mas... quem sabe se desabafando eu não conseguirei me aliviar desta angústia suprema que me envolve? Dizem que é bom desabafar... Quem sabe? Eu vou experimentar. Vou contar-lhes a razão deste meu pranto. Estão vendo aquelas luzes lá do outro lado da praça? É um palácio de mármore que está sendo vendido em leilão. Pois bem... naquele palácio, eu vivi alguns anos de glória. Foram poucos, é verdade, muito poucos... mas vivi. Não é mentira, não. Eu lhes juro! Aquele palácio foi construído para a festa de quinze anos de minha filha. Ele foi meu... (caindo) e eu morei nele!

CONTROLE - MUSICA RETROSPECTIVA - FORTE E DEPOIS SOME.

Ewandro - (38 anos) Anete, onde está Heloisa?

Anete - (35 anos) Estava com hora marcada no cabelereiro para as cinco e meia e ainda não voltou.

Ewandro - São sete e meia passadas e já está escurecendo. Eu não gosto que ela ande na rua até tão tarde.

Anete - Mas ela não está só, ~~ela~~^{meu} querido. Foi com a dama de companhia.

Ewandro - Levaram o automovel, ~~ela~~ menos?

Anete - Sim. E com ordem de ficar na porta do Instituto até que elas saíssem. Não ha razão para que te preocupes tanto, meu amor.

Ewandro - Não é que esteja propriamente preocupado. É que estou ansioso para dar-lhe uma noticia que vai deixá-la doida de alegria.

Anete - E a mim estás deixando doida de curiosidade. Eu não posso saber o que é, antes que ela chegue?

Ewandro - Curiosa. É que os construtores me prometeram, hoje, aprontar a nossa casa para a festa de quinze anos de nossa filha.

Anete - A nossa casa que tu dizes assim com tanta displicencia, é aquele palácio de mármore que já está te custando quasi vinte mil contos.

Ewandro - E que importa isso si eu tenho dinheiro bastante para construir mais cinco ou seis palácios iguais àquele? O que eu desejo é que a nossa princesa deslumbre a côrte das suas amigas e dos seus admiradores com o luxo e o esplendor da sua casa e das suas joias.

Anete - Como tu adoras Heloisa, querido! Sabes que às vezes sinto ciumes de la?

Ewandro - Tolice. Tú não tens razão nenhuma para te queixares. Não te dou tam bem tudo o que manifestas desejo de possuir?

Anete - (capitulando) Dás, sim, meu querido, eu sei que dás. Dás, talvez, muito mais do que eu mereço, mas... que é que tu queres? É o coração, meu querido. Ele é que, às vezes, é por demais egoista. Fica pensando que tú tens um deslumbramento tão grande pela tua filha que não te pode sobrar tempo para pensar na tua mulher.

Ewandro - Pensando nela... penso em ti, por consequencia. Pois não ~~fôste~~ és tú a mãe? Não fôste tú que a trouxeste para a minha adoração? Ela é um pouco de nós dois... do nosso amor... da nossa vida! (Pausa e tom) E ela é um encanto, não é mesmo? A mais terna e a mais carinhosa das filhas.

Anete - Graças a Deus assim é.

Ewandro - Só uma coisa me entristece, tú sabes?

Anete - Que é?

- Ewandro - Pensar que dentro de poucos anos um marmanjo qualquer virá roubá-la ao nosso convívio e ao nosso afeto.
- Anete - Um marmanjo qualquer, não, porque eu serei muito exigente na escolha do meu futuro genro.
- Ewandro - É claro que serás, como eu também hei de ser. Um marmanjo qualquer é força de expressão.

CONTROLE - MUSICA RETROSPECTIVA, EMENDA COM FUNDO TRISTONHO QUE FICA EM B/G.

- Anete - (40 anos, triste, narrando) E assim era a nossa vida. Queriamos-nos com verdadeiro amor e vivíamos, os três, num maravilhoso encantamento. Chegou o dia da inauguração daquele palácio, para a festa de quinze anos da nossa Heloisa. Uma festa que foi um deslumbramento de luzes, de sedas e de joias. Todos os rapazes das famílias mais ilustres e representativas da cidade, lá se encontravam, felizes e risonhos, cercando Heloisa e disputando-lhe, ansiosos, uma frase... um sorriso... ou uma dança. Ela sorria a todos... dizia a cada um uma palavra amável... dansava com todos, mas... não estava feliz. Havia no fundo do seu coraçãozinho uma tristeza secreta que ela procurava reprimir ~~para~~^e não deixar transparecer, mas que aos olhos argutos do nosso afeto não passara despercebida. Uma hora depois da festa haver terminado, percebendo luz em seu quarto, Ewandro foi procurá-la.

CONTROLE - SUSPENDE O FUNDO E EMENDA HARPEJO FORTE, E RÁPIDO.

- Ewandro - (surpreza) Mas como, minha querida?!... Ainda estás assim? Faz mais de uma hora que te recolheste, dizendo-te cansada e tonta de sono e ainda venho surpreender-te com o mesmo vestido de gala? ~~Mem~~ Mem os sapatos tiraste?
- Heloisa - (15 anos, procurando disfarçar) Sabe, papai, eu... eu estava admirando os presentes todos que recebi. O senhor reparou nesta pulseira de diamantes? É linda, linda!
- Ewandro - Reparei n'outra coisa, minha querida. Senta-te aqui perto de mim que temos muito que conversar.
- Heloisa - (medrosa) Por que? O senhor não gostou de alguma coisa que eu tenha feito?
- Ewandro - Não, não, não é isso. Senta-te que já vais saber.
- Heloisa - (pequena pausa) Pronto. Aqui estou.
- Ewandro - Vamos a saber: - tú prometes ~~me~~ ser bem sincera comigo?

- Heloisa - Naturalmente, papai. Alguma vez eu... eu terei fingido ou escondido alguma coisa do senhor?
- Ewandro - Não, não, pelo contrário. Sempre foste muito franca e é assim que eu quero que continues porque tú não poderias ter, noutra pessoa, melhor amigo e confidente do que em teu pai.
- Heloisa - Obrigada, paisinho. Sempre fomos muito amigos. Muito mesmo.
- Ewandro - Pois bem, então... depois deste preâmbulo todo, tú vais me confessar, agora, com sinceridade, que tinhas um arranhãozinho na alma esta noite. Não tinhas? (Pausa marcada) Ai, ai, ai! Não estou gostando desse silencio. Tú já não estás procedendo de acôrdo com o que acabaste de me dizer. (Nova pausa) Estás vendo? Ainda que queiras mentir, os teus olhos te traem. Refletem, como espelho, toda a tristeza que, neste momento, está assolando o teu coraçãozinho que deveria estar radiante com a beleza da festa que acabamos de oferecer aos teus amigos em tua honra. Que aconteceu, fala?
- Heloisa - Bem, papai, eu... eu vejo que é inútil procurar esconder do senhor os meus sentimentos. O senhor vai descobri-los no cantinho mais escuro do meu coração.
- Ewandro - São os olhos do amor que percebem tudo, mesmo nas trevas. Fala, anda, verás que ha de te fazer bem desabafar o teu coraçãozinho.
- Heloisa - Papai, eu... eu fiquei triste porque... porque o Adalberto não veio à minha festa.
- Ewandro - E esse Adalberto será, por acaso, o principe que escolheste para os teus devaneios de menina moça?
- Heloisa - É meu colega e... (para)
- Ewandro - (depois de pausa) Podes dizer.
- Heloisa - (acanhada, baixando um pouco o tom) É meu namorado.
- Ewandro - Muito bem. Agora sim, começamos a nos entender. (Pausa) Mas... ele não mandou dizer a razão da sua ausencia? Não te mandou umas flôres... uma lembrança...
- Heloisa - Não, papai. Apenas mandou-me um cartão de felicitações por intermédio da Dora Helena.
- Ewandro - Bem, minha filha, naturalmente deve ter havido um motivo que o impediu de comparecer esta noite à nossa casa, mas tu has de ver que na primeira ocasião em que se encontrarem, ele te explicará a razão da sua ausencia.

CONTROLE - ENTRA MUSICA PARA NARRAÇÃO EM B/G.

Anete - (40 anos, triste, narrando) Vencida pelas argumentações do pai, Heloisa se deitou e conseguiu adormecer. Ainda assim, no dia seguinte mostrava-se pálida e abatida. À tardinha saiu com as amigas para dar um passeio e voltou refeita. Eu e Ewandro nos olhamos significativamente, mas nada comentamos. Passados mais alguns dias, como ela não tivesse tornado a tocar no assunto, resolvi eu mesma falar-lhe.

CONTROLE - CESSA A MUSICA EM FUNDO/

Anete - (moça) Minha filha, você afinal chegou a falar com o rapaz aquele que você convidou para a sua festa e que ele não compareceu?

Heloisa - Falei, sim, mãe. Logo no dia seguinte. Ele me explicou a razão da sua ausência.

Anete - E essa razão... a satisfaz?

Heloisa - Naturalmente que sim. Ele não tinha smoking, sabe mãe? E a festa sendo de gala ele não poderia ^{comparecer} ~~vir~~ com traje de passeio, não é mesmo?

Anete - É claro, mas... o que eu não compreendo é que um rapaz que frequente um grupo elegante, como o seu, não esteja preparado para um caso desses.

Heloisa - Óra, mãe, nem todos podem comprar um smoking. Afinal, não é uma coisa assim tão barata.

Anete - ^{mas minha filha,} Um rapaz do seu grupo que não pode comprar um smoking, não deveria estar no seu grupo, *penso*.

Heloisa - Por que não, mãe, si ele é um rapaz ~~tão~~ inteligente, ~~tão~~ simpático e tão distinto?

Anete - Pode ser tudo isso que você diz mas não deixa de estar fora do seu lugar se não pode acompanhar, em tudo, o grupo a que pertence.

Heloisa - Não diga isso, mãezinha. Só porque não dispõe dos mesmos recursos?

Anete - É lógico. Cada qual no seu lugar é o direito das coisas. Os que nascem no porão nunca deveriam pretender morar nos sobrados.

Heloisa - Pois eu não penso como a senhora. Acho muito justo que as criaturas procurem se elevar. E digo mais: acho que os sem recurso que conseguem fazer o que fazem os afortunados, são uns vitoriosos.

Anete - Pretenciosos é o que tú deverias dizer. E é por isso que eu penso que uma moça, antes de se deixar arrastar por uma simpatia ou um entusiasmo que podem vir a ser funestos, deve procurar saber, sempre, a situação da família desse rapaz. Serve? Muito bem. Não serve? Trate logo de

procurar outro. Quem são os pais desse rapaz? Que fazem eles na vida?

A mãe, ao menos, é uma pessoa digna?

Heloisa - Ele não tem mãe. O pai é viuvo.

Anete - E o pai quem é? Que profissão exerce?

Heloisa - O pai é... (baixa o tom) é palhaço de circo.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Anete - (choque terrível) Pa... palhaço de circo? (Pausa) Palhaço de circo, você disse?!...

Carolo - (cantando com voz de sôpro) Soy Carolo, Carolito! Soy Carolo, Carolito!... Con mi perro el "Pirolito" voy hacer un figuron!...

CONTROLE - ENTRA EM B/G COM CHARANGA DE CIRCO E GRITARIA DE MULTIDÃO, SEM CORTAR.

Anete - (já refeita, natural) Palhaço de circo! Francamente, minha filha! (COMEÇA A GARGALHAR) Palhaço de circo!... (GARGALHA) Palhaço de circo!... (MAIS GARGALHADAS QUE AUMENTAM E ELA FICA GARGALHANDO ATÉ O CONTROLE CORTAR)

CONTROLE - AO SINAL DO DIRETOR ENTRA COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAR O 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE - 2º A T O

CONTROLE - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O 2º ATO. FUNDE COM MUSICA DE NARR/.

Anete - (40 anos, abatida, narrando) Depois da terrível revelação de minha filha, encetou-se, entre nós, um período de quatro longos anos de uma luta ingente e esmagadora. Quanto mais eu e Ewandro nos opunhamos ao namoro dela com Adalberto, mais, parece, despertavamos em seu coração a loucura daquele amor malfadado. Um dia, não podendo mais suportar o desespero daquela situação, fiz um apêlo dramático à energia de meu marido.

CONTROLE - CORTA A MUSICA EM FUNDO.

Anete - (mais moça) Não é mais possível que as coisas continuem nesse pé, Ewandro. Eu não suporto mais. Cada vez que vejo minha filha ao lado daquele rapaz horroroso, tenho a impressão de que vou enlouquecer. Você não pode continuar de braços cruzados, Ewandro. Você precisa fazer alguma coisa.

Ewandro - Fazer o que, si já fiz tudo que era possível? Você quer que eu espanque nossa filha? Penso que é só o que me falta fazer.

Anete - Pois se fôr preciso chegar a tanto, faça, contanto que ela não caia nas mãos daquele homem.

Ewandro - Você diz "faça" como se isso fôsse a coisa mais simples do mundo. Você ~~se~~ Esquece ^{se de} que Heloisa foi sempre um motivo de adoração para mim, que nunca tive a coragem de fazer-lhe a menor censura, mesmo quando ela a tivesse merecido.

Anete - Pois aí está o ~~erro~~ fundamental da questão. Se você, de começo, tivesse sabido impor-se à sua filha, neste momento ela haveria de respeitá-lo e obedecê-lo.

Ewandro - Você também sempre lhe fez todas as vontades. Não queira, agora, atirar toda a responsabilidade ^{sobre} ~~para~~ os meus ombros.

Anete - Por que você não vai falar com o rapaz? Quem nos diz que uma boa proposta de dinheiro não venha a resolver satisfatoriamente a situação?

Ewandro - Não creio, Anete. Tenho a impressão de que Adalberto ama realmente a nossa filha.

Anete - Quem nos pode afirmar que ele não ame a fortuna que ela tem? E admitindo mesmo que ele a ame, com bom dinheiro compra-se tudo. Até amor. (Tom) Não hesite, ande. Vá falar com ele e faça-lhe uma boa proposta.

CONTROLE - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM B/G.

Anete - (contanto, mais velha) Meu marido foi procurar Adalberto. Tiveram uma longa conferencia. Duas horas que não terminavam de transcorrer, pela força da minha ansiedade. Enquanto esperava, eu desejava rezar pedindo a Deus que nos auxiliasse, mas tão grande era a impetuosidade do meu ódio contra aquele fantasma que ha quatro longos anos vinha toldando a nossa tranquilidade, que as doces palavras da prece se transformavam em ásperas imprecações aos aflorar os meus lábios. Finalmente, Ewandro apareceu de regresso e me contou, em resumo, a entrevista que tivera com o maldito.

CONTROLE - CORTA A MUSICA DE FUNDO.

Adalberto - O que o senhor me propõe é uma indignidade. Sou um rapaz pobre que procuro subir, é verdade, mas subir de maneira digna a merecer, sempre, a admiração e o respeito da sociedade em que vivo. Nunca admitiria a riqueza adquirida por forma tão baixa. Ponha-se na pele de um homem digno e pense no que faria ao receber semelhante proposta. (Pausa)

Diga: Que faria o senhor? Diga.

Ewandro - (atrapalhado) Bem, eu... Aí depende de uma série...

Adalberto - (corta) Não depende de coisa nenhuma. Depende do homem ser digno ou não ser.
No meu caso, o senhor aceitaria a proposta que me fez?

Ewandro - Bem... um milhão de cruzeiros é uma importância tentadora.

Adalberto - (rápido) Não é isso que desejo saber. Responda sem subterfúgios: o senhor aceitaria ou rejeitaria a proposta de abandonar o seu verdadeiro amor pelo preço que me oferece?

Ewandro - (depois de pausa, como quem confessa uma falta) Rejeitaria, é claro.

Adalberto - Pois bem, então saiba que eu seria capaz de abandonar Heloisa para sempre, de desaparecer completamente da vida dela, de proceder, ~~de~~ propositalmente, de maneira a merecer o seu desprezo, se soubesse que, dessa forma, estaria concorrendo para a sua felicidade, mas trocar por dinheiro os meus sentimentos mais puros, sofrer e fazer sofrer a ela, matar nos seu coração ~~os seus sentimentos mais puros~~ as suas ilusões mais lindas e torná-la, pelo resto da vida, uma criatura descrente e sofredora... isso eu não faria nunca, por dinheiro nenhum.
(Pausa e tom) E agora... creio que estamos conversados, não senhor Ewandro?

Ewandro - Não. Há uma coisa, ainda, que eu desejo lhe dizer. Minha filha será banida da sociedade em que nasceu e onde sempre viveu.

Adalberto - Mas voltará ao meio a que deveria pertencer, se sua mãe não o tivesse repellido e desprezado da maneira mais desumana e condenável.

Ewandro - Que quer dizer com isso?

Adalberto - Que conheço uma senhora, já bastante idosa, que é costureira do circo onde meu pai trabalha e que sabe muito bem o passado de dona Anete. Ela, como eu, foi também filha de um palhaço.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Adalberto - (depois de pausa) Fale. Diga alguma coisa. Pensou que eu ignorava esse pormenor? Não. Eu o sabia há muito tempo. Sabia... e silenciava. Só hoje, por força das circunstâncias, é que me utilizei dessa arma que não pretendia usar de maneira alguma. É possível, no entanto, que ela amortença um pouco o furor e o ódio de sua esposa contra mim.

CONTROLE - HARPEJO RÁPIDO E MUSICA DE NARRAÇÃO, EM FUNDO.

Anete - (mais velha, narrando) Quando Ewandro chegou a esse ponto da sua conversação com Adalberto, tive um choque tremendo. Foi como si a

minh'alma tivesse recebido uma ducha de ácido causticante que a fizesse fremer e retorcer-se à dôr das queimaduras. Era cólera, vergonha, desespero, humilhação, temor e ódio os sentimentos que turbilhonavam no meu cérebro, numa ciranda louca e desenfreada. E dentro dessa ciranda macábra, passei toda uma noite insone. Ao dia seguinte, muito cedo, saí, com meu marido, para procurar o circo onde trabalhava o pai de Adalberto e falar à tal velha costureira que dizia ter conhecido meu pai. Fomos localizar o circo num subúrbio distante e dentro de mais uns instantes já nos encontravamos frente a frente com ela.

CONTROLE - CESSA A MÚSICA DE FUNDO.

Adelina - (bem velha) Era a senhora que desejava falar-me?

Anete - (mais moça) Exatamente.

Adelina - Tenha a bondade de sentar-se. (Tom) Sente-se o senhor também. Peço que não reparem o desalinho do ambiente, mas nesta vida que a gente leva, sempre mudando de um arrabalde para o outro, nunca se pode organizar direito a peça onde a gente vive.

Anete - Não tem importancia. Não estamos aqui para reparar e sim para tratar de um assunto que tanto interessa a nós como vai interessar à senhora.

Adelina - Muito bem, mas... quem é a senhora?

Anete - Eu sou a mãe de Heloisa, a moça que namora Adalberto, um rapaz que a senhora conhece.

Adelina - Como?!... Então a senhora... A senhora é Anete?!...

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, EM FUNDO, SEM CORTAR.

Adelina - (depois de pausa) Meu Deus!... Como está diferente!...

Anete - A senhora... a senhora já me conhecia?

Adelina - Como não? E procure ver bem que a senhora também me conhece. Sei que estou muito mudada e é natural. A velhice... os desenganos... os trabalhos todos que a gente passa para se manter enquanto Deus quer que a gente viva... mas mesmo assim, se a senhora reparar bem... penso que ainda deve encontrar alguns traços do que fui.

Anete - (depois de pausa longa, sufocada e surpresa, à meia voz) Adelina!...

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Adelina - Reconheceu-me, afinal. Pois sou eu mesma. Sou a velha Adelina.

Anete - Nunca seria capaz de imaginar uma coisa dessas!

- Adelina - Nem eu. Mas o mundo gira sempre... a vida continua... e as pessoas se encontram até mesmo quando não desejavam ser encontradas.
- Ewandro - Anete, diga logo ao que veio que não podemos perder tempo. Temos que voltar para casa.
- Anete - Pois Adelina, você foi dizer ao Adalberto umas coisas que me aborreceram bastante, sabe?
- Adelina - Por que? Eu teria dito a ele alguma mentira?
- Anete - Bem, mas não havia necessidade de você revelar a ele a minha origem, uma vez que ela...
- Adelina - (cortando) Não havia necessidade? Havia sim. Havia e muita, para provar que você estava sendo injusta com ele como havia sido com o seu boníssimo pai que Deus o tenha.
- Anete - Ele... ele morreu?
- Adelina - Morreu, sim. O melhor: matou-o o desgosto profundo de se ver desprezado. O coração não pôde resistir às inclemências da vida e na gargalhada final de um dos seus números, sobreveio um colapso e ele se foi em meio dos aplausos do público que desconhecia a imensidão da sua tragédia.
- Ewandro - Anete, não percamos tempo com coisas inúteis. Diga logo ao que veio.
- Anete - Pois bem, Adelina, o que me traz aqui é o seguinte: eu não desejo que minha filha case com esse rapaz. Não desejo e estou disposta a fazer tudo para impedi-lo.
- Adelina - Se você soubesse que coração e que caráter ^{se} abrigam ^{n'} aquele corpo!
- Anete - Isso não me interessa. O que me interessa é que minha filha se case com um rapaz da sua classe e da sua posição social, entende?
- Adelina - Entendo, mas não concordo.
- Anete - Isso também não me interessa. Já disse que não permitirei esse casamento e está acabado.
- Adelina - E o que deseja de mim, então?
- Anete - Que você diga a esse rapaz que se enganou sobre a minha origem e que procure ^{dissuadi} ~~dissuadi~~-lo de alimentar a esperança desse casamento.
- Ewandro - Estamos dispostos a pagar-lhe esse favor régiamente.
- Anete - Dar-lhe-emos uma importância que lhe permitirá viver regaladamente o resto dos seus dias.
- Adelina - Nunca! Nunca me venderia ao preço de uma infâmia.

Anete - Infâmia é o que você está pretendendo fazer, dando armas a um inimigo ~~para~~ ^{para} ~~para~~ combater uma mãe que está procurando defender a felicidade de sua filha.

Adelina - E essa mãe não terá contas a prestar, por infâmias praticadas contra o seu próprio pai? Pois bem, é o fantasma de seu pai que se levanta, agora, entre você e sua filha. É ele que vem tirar uma desforra das humilhações sofridas por sua causa. Você se envergonhava de o ter como pai por ser ele um palhaço, pois então saiba mais...

Carolo - (voz de sôpro) Nó, nó, Adelina, por favor! Eso nunca! Nunca! Aconteça o que acontecer eu no quero que ela saiba a verdade.

Adelina - Você precisa saber tudo para não ter que se envergonhar de seu pai e sim de sua mãe.

Carolo - (idem) Por favor, Adelina, eu no quero ferí-la, a despeito de todo que possa acontecer. No diga nada, por favor!

Adelina - Parece-me que ainda ouço a sua voz, suplicando-me silencio. Implorando-me, com lágrimas nos olhos, que nunca lhe dissesse a sua verdadeira origem, mas ele agora não está e eu posso falar sem que ele me impeça. Aquele homem digno, trabalhador e honrado de quem você tantas vezes se envergonhou ^{por} ~~de~~ ter como pai, não era seu pai.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, EM F UNDO, SEM CORTAR.

Ewandro - Como?! Dom Carolo não era Pai de Anete? Mas então... isso vem justamente ao encontro do nosso desejo.

Adelina - Seu pai era um vagabundo da beira do cáis, bebedor e ladrão.

Anete - Oh!...

Adelina - E sua mãe... sua mãe era uma mulher perdida!

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO EM FUNDO, SEM CORTAR.

Anete - (apavorada, forte) Mentira! Mentira! Essa mulher está dizendo falsidades.

Adelina - Deus é testemunha de que estou dizendo a verdade. E existe, ainda, um dos empregados do circo que ajudou a segurá-la, quando ela, completamente embriagada, queria atirar você na jaula dos tigres para que você não lhe atrapalhasse a vida libertina que levava. Si quer certificar-se posso mandar chama-lo num momento.

Ewandro - Não faça isso, por favor. Não vejo necessidade de envolver-se neste drama mais um personagem.

Adelina - Dom Carolo foi tão nobre, tão generoso que mesmo diante das maiores ofensas que você lhe dirigiu, teve a sublime coragem de calar e de obrigar que eu me calasse também. Mas eu sabia que haveria de chegar a hora em que você pagaria a culpa dos seus pecados. E a hora está chegando. E você, com todo o seu dinheiro, não poderá fugir ao ajuste.

CONTROLE - CORTINA RÁPIDA E DRAMÁTICA. FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM B/G.

Anete - (mais velha, narrando) Saí dali completamente acovardada mas disposta, ~~existendo~~ sempre, a continuar impedindo o casamento de minha filha. Dois meses transcorreram, depois daquele dia, sem que as coisas se modificassem. A luta continuava sem tréguas. As discussões-se sucediam, dia após dia, sem que qualquer das partes pensasse em ceder. Uma noite, comunicamos a Heloisa a nossa resolução de embarcarmos para a Europa em viagem de recreio e foi essa resolução que precipitou os acontecimentos. Bem que extranhei a calma com que ela recebeu a notícia, mas longe estava de imaginar o que vinte e quatro horas depois haveria de acontecer. Lembro-me, ainda, do olhar esgazeado de Ewandro quando entrou no meu quarto com a carta na mão.

CONTROLE - CORTA A MUSICA EM FUNDO.

Ewandro - (afastado e aproximando-se) Anete! Anete! Veja o que aconteceu.

Anete - (mais moça, assustada) Ewandro! Que tem você? Vamos, homem, fale. Não fique assim com essa cara aparvalhada.

Ewandro - Nossa filha...

Anete - (nervosa) Que tem nossa filha? Fale. Que aconteceu?

Ewandro - (sucumbido) Nossa filha fugiu!

CONTROLE - ACORDE AGUDO E TRÁGICO, SEM CORTAR.

Anete - (grito histérico) Não!... Não é possível!... É mentira! Não pode ser! Não pode ser!... Diga, Ewandro, diga que é mentira!...

Ewandro - (sucumbido, chorando) Infelizmente... aqui está a carta que ela nos deixou!...

Anete - Oh meu Deus, meu Deus!... Eu terei merecido um castigo tão grande? (desata a soluçar perdidamente)

CONTROLE - ~~EXATAMENTE~~ CORTINA MUSICAL TRÁGICA, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

CONTROLE - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O 3º ATO. FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM B / G.

Anete - (mais velha, narrando) Ao receber a notícia da fuga de minha filha, foi como se o mundo houvesse desabado aos meus pés! A impetuosidade da dor que me golpeara era tão grande que a simples manifestação das lágrimas tornava-se insuficiente para exteriorizá-la, obrigando-me a dar gritos roucos e secos qual uma hiena ferida. Só depois de gritar como doida durante quasi uma hora, foi que tive força de apanhar das mãos de Ewandro a carta que ela me deixara.

CONTROLE - SUSPENDE A MUSICA EM FUNDO

Heloisa - (lendo) Sei que irei ferí-los profundamente com a resolução que acabo de tomar, mas confesso-me extenuada com esta luta que já vem de longe e que não desejo perder. Parto com Adalberto para um lugar qualquer onde nos casaremos e onde espero ser mais feliz do que o tenho sido neste palácio tão frio como o mármore de que todo ele é feito. Será inútil que me procurem porque ainda que me venham a encontrar não voltarei a esta casa que vocês quiseram transformar no túmulo das minhas ilusões. Mesmo com Adalberto ao meu lado, eu já não poderia mais ser feliz aqui. Adeus e perdoem-me como eu já os perdoei. Heloisa.

Anete - (depois de pausa, rouca de dor, voz de pranto) Parece até mentira que uma filha tenha a coragem de proceder de forma tão deshumana com seu pai e sua mãe.

Adelina - (voz de sôpro) E essa mãe não terá também contas a prestar por infâmias praticadas contra o seu próprio pai? Pois bem, é o fantasma de seu pai que se levanta, agora, entre você e sua filha, clamando vingança! É ele que vem tirar uma desforra das humilhações sofridas por sua causa.

Anete - Basta! Basta! (forte, gritando) Cala essa boca, maldita! Por que me atormentas dessa forma? Achas que é pouco o que estou sofrendo? (TOM) E você? Faça alguma coisa. Há mais de uma hora que está aí sentado, com esse ar aparvalhado e sem dizer palavra. Mexa-se. Dê parte à polícia. Vá procurá-la. Você tem que me restituir a minha filha, está ou vindo? Eu a quero de volta. Vá procurá-la, não ouve? E só me volte aqui quando a tiver encontrado.

CONTROLE - CORTINA RÁPIDA E TRÁGICA, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM B/G.

Anete - (mais velha, narrando) Meus gritos despertaram Ewandro que saiu na mesma hora à procura da filha. Toda a noite esperei o seu regresso. Não

voltou. Mais um dia se passou... outro mais... e como Ewandro não voltas se a policia se poz em campo a procurá-lo. Ao cabo de quinze dias ~~pouco~~ foi encontrado morto pelas rodas de um bonde. Emagrecido e barbado, pôde ser identificado pela roupa com que saíra de casa e pelo retrato da filha que conservava apertado numa das mãos crispada. Noticiada que foi a sua morte, Heloisa se apressou em reclamar a parte da fortuna que lhe pertencia e só então tive conhecimento do lugar onde ela se refugiára. Tratei, imediatamente, de ir procurá-la, mas ela se negou a receber-me. Desesperada pela solidão em que me via perdida, escrevi-lhe uma carta onde lhe suplicava que voltasse a morar em nossa casa, trazendo com ela o rapaz que eu odiava, mas cuja presença me parecia menos intoleravel que o abandono total que me envolvia. Ela nem respondeu a minha carta. Desorientada e vencida, arrastei-me pela vida três ou quatro anos - nem sei - com a minha fortuna, inteira, nas mãos do primeiro espertalhão que se propoz a auxiliar-me. Ao fim desse tempo...

CONTROLE - CORTA A MUSICA EM FUNDO

Procurador - Dona Anete, tenho uma grave comunicação a fazer-lhe.

Anete - (mais velha, abatida) Fale.

Procurador - Lamento profundamente ser obrigado a dizer-lhe que as suas reservas bancárias estão completamente exgotadas.

Anete - Não importa. Venderei esta casa, comprarei uma outra menor e com o...

Procurador - (cortando) Um momento. Esta casa também já não lhe pertence mais.

Os seus credores entraram com uma petição em juízo para que ela seja vendida, afim de que, com o seu produto, sejam pagas as suas dívidas.

Anete - (depois de pausa) Que devo fazer, então?

Procurador - Procurar uma ocupação para manter-se e um canto qualquer para morar, antes que os oficiais de justiça a ponham lá fora ao relento.

Anete - Mas si eu não tenho para onde ir nem onde trabalhar... que pôderei fazer?

Procurador - A senhora tem uma filha. Procure-a... exponha-lhe a situação... e ela, naturalmente, não a deixará ao abandono.

CONTROLE - ENTRA MUSICA DE NARRAÇÃO EM B/G.

Anete - (mais velha, narrando) Animada pelas palavras do meu procurador, voltei a procurar Heloisa. Temendo não ser recebida, como já acontecera anteriormente, dei à empregada um nome suposto e fiquei na saleta à sua es

pera. Quando momentos depois ela apareceu...

CONTROLE - CORTA A MUSICA EM FUNDO.

Heloisa - (fria) Por que mentiu? Por que não mandou dizer que era a senhora?

Anete - Porque tú não me receberias, minha filha, e eu não podia voltar sem ser recebida. Precisava falar-te.

Heloisa - Creio que nada temos que dizer uma à outra.

Anete - Enganas-te. Eu, pelo menos, tenho muito que te dizer, muito que te suplicar, Heloisa.

Heloisa - Bem sabe que detesto súplicas.

Anete - Minha filha, pelo restinho de amor filial que ainda has de guardar no teu coração...

Heloisa - (cortando) Engana-se. Não lhe guardo a menor parcela desse sentimento. O amor filial que lhe devotei um dia - e que soube ser grande - a senhora o matou com o seu orgulho tólo, com a sua vaidade desmedida, com a sua maldade em querer destruir a quimera mais linda da minha vida de moça, com o seu procedimento deshumano, no passado, em relação ao Vovô. Hoje que sei de tudo, não posso perdoá-la e menos ainda tolerar a sua presença.

Anete - Mas minha filha, tú não podes me abandonar... eu preciso de ti. Estou completamente na miséria.

Heloisa - Que fez da fortuna que meu pai lhe deixou?

Anete - Não sei. Creio que devo ter sido roubada.

Heloisa - E que deseja, afinal? Diga de uma vez, sem romance e sem lamúrias.

Anete - Que você me deixe morar aqui, ou...

Heloisa - (corta) Isso nunca. Adalberto jamais suportaria a sua presença dentro desta casa.

Anete - Mas então dá-me algum do teu dinheiro para que eu...

Heloisa - (cortando em tempo) Para que a senhora o jogue fora da mesma maneira que jogou a parte que lhe tocava, não é isto? Pois saiba que não lhe darei um centavo. Por muito favor, deixarei que a senhora venha aqui todos os dias "pelo portão dos fundos" buscar um prato de comida nas horas em que o meu marido não esteja em casa. E agora saia. Ele não demora e sei que não me perdoaria se a encontrasse aqui.

CONTROLE - ENTRA MUSICA DE NARRAÇÃO EM B/G.

apagando as luzes do meu palácio de mármore. Naturalmente o leilão terminou... e ele já foi vendido. Tenho que pagar todas as minhas dívidas. Todas! Uma por uma! E por isso vou dormir mais uma noite neste banco de praça. Amanhã, já deverei menos. Mas as noites de outono já são bem frias, sabem? Tomára que eu tenha podido saldar todos os meus débitos antes que chegue o inverno.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL ENCERRAMENTO.

Distribuição:

Leiloeiro	_____	Darcy Fragundes -	Antônio Diniz
1ª voz	_____	Cesar Ney - Diniz	Roberto Ris Diniz
2ª voz	_____	Contra Regra	Moacir Ribeiro
Stnete	_____	Terezinha Castro X	Terezinha Castro
Ewandro	_____	Stny Rego -	Paulo Ricardo
Helvsa	_____	Rosa Maria	Mariana Fernanda
Carolo	_____	Roberto Ris X	Roberto Ris
Adalberto	_____	Wilson Fragoso	Wilson Fragoso
Adelua	_____	Rosa Rosa	Rourdes Helena
Procurador	_____	Cesar Ney	Diniz Costa

Sabado
15:00
16:00